

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
LAURA MILENA DE CARVALHO MOREIRA

**ENSINO DE LITERATURA: OS DESAFIOS COTIDIANOS, A LEITURA
LITERÁRIA E A IMPORTÂNCIA AINDA ATUAL DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS
NA ESCOLA**

Brasília – DF

2023

LAURA MILENA DE CARVALHO MOREIRA

Ensino de literatura: os desafios cotidianos, a leitura literária e a importância ainda atual dos clássicos literários na escola

Monografia apresentada ao Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF
2023

dM838e Moreira, Laura

Ensino de literatura: os desafios cotidianos, a leitura literária e a importância ainda atual dos clássicos literários na escola / Laura Milena de Carvalho Moreira; orientador Danglei de Castro Pereira. -- Brasília, 2023. 47 p.

Monografia (Graduação - Letras Língua portuguesa e respectiva literatura licenciatura) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Literatura na escola. 2. Leitura literária. 3. Clássicos literários nacionais. 4. Desafios do ensino. I. de Castro Pereira, Danglei, orient. II. Título.

LAURA MOREIRA

Ensino de literatura: os desafios cotidianos, a leitura literária e a importância ainda atual dos clássicos literários na escola

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Brasília /DF, 02 de maio de 2023.

Dedico este trabalho ao Gabriel, ex-aluno de Letras na UnB, contudo, encerrou seu ciclo neste plano, mas que continua me dando forças com todo amor que ele plantou na nossa amizade, um amor forte o suficiente para florescer durante toda a minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Eu tenho lindos sentimentos por estar escrevendo estes agradecimentos, pois a Universidade de Brasília e o curso de Letras Português me ofereceram uma experiência nova com desafios, aprendizados e saberes que moldam minha vida de uma forma magnífica. Além de todo conhecimento curricular, sairei desta universidade com uma outra noção de mundo, mais sensível e verdadeira.

Aos meus pais, Áurea Rejany de Carvalho Moreira e Magno Rodrigues Moreira, que são principalmente, o amor em forma materializada. Foram noites acordadas me esperando depois da aula, inúmeros atos de afago e milhares palavras de incentivo. Todas as minhas conquistas são de vocês, papai e mamãe. E toda minha gratidão não é suficiente para expressar tudo que vocês significam na minha vida.

Ao meu irmão, Lucas Magno, meu maior exemplo de dedicação, carinho e cumplicidade. À Ceiza que me mostra um amor singelo, verdadeiro e protetor. Aos meus primos, Nando, Vini, Nandinha, Klébinho, Mimi e Clarinha, que fazem os meus dias terem mais sentido e alegria. Aos meus tios e tias que estão presentes nas minhas conquistas e dificuldades. Ao meu namorado e parceiro, Allecsander, ao qual eu tenho enorme admiração e todos os dias me lembra do meu potencial.

À minha amada vovó Zilda que além de um exemplo de força, é empática, generosa, divertida e bondosa, e, à minha vovó Miralva que faleceu quando eu tinha 6 anos, mas me mostra como o sangue revela traços de compatibilidade através das nossas manias em comum e, principalmente, pela nossa escolha de profissão.

Aos meus amigos que são incentivadores e revelam como viver é muito mais emocionante ao lado deles, compartilhando sorrisos, momentos e retratos. Sou grata pela existência de vocês: Annanda, Evely, Geovana, Letycia Godoy, Loara, Mari e Pedro Henrique.

Ao meu orientador, Danglei Castro, por todo apoio, paciência e ensinamento, e por ter aceitado me orientar em meio ao caos do ano com três semestres. À Profª. Adriana de Fátima e ao Prof. Pedro, pessoas inspiradoras que me fizeram enxergar a literatura com ainda mais sensibilidade.

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra. ”

- Anísio Teixeira

MOREIRA, Laura. *Ensino de literatura: desafios cotidianos, a leitura literária e a importância ainda atual dos clássicos literários*. 2023. XX f. Dissertação (Licenciatura em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2023.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de discutir sobre a importância da literatura nas escolas, principalmente públicas, assim como, refletir o atual ensino da literatura clássica e analisar alternativas de trabalhá-las em sala de aula. Portanto, serão abordados os conceitos de clássicos e cânones literários, a fim de seguir uma linha de pensamento baseado nas conceituações de alguns autores críticos, assim norteando a proposta de defesa desta tese. A escolha foi feita por causa da percepção de como a literatura e de como os livros clássicos da literatura brasileira estão sendo recebidos pelos estudantes no ensino fundamental e ensino médio da educação básica. Não haverá proposta de metodologias, pois trata-se de um material de pesquisa e reflexão. O ensino básico da rede pública é socialmente e politicamente muito importante, as escolas públicas representam uma educação mais democrática, como garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96). Nessa perspectiva, as escolas públicas possuem um papel essencial no oferecimento da literatura como arte, como disciplina e na disposição de materiais, bibliotecas e livros que contribuem na formação do leitor, do indivíduo e do estudante. O material didático como principal instrumento de ensino, a falta de contato com o texto e o desinteresse dos alunos pela leitura são alguns dos principais desafios do atual ensino tradicional de literatura. Tal porcentagem traz um alerta sobre o desaparecimento da literatura como disciplina nas escolas e reflete uma série de preocupações em relação à leitura literária, formação do pensamento crítico, desenvolvimento da língua e o costume da leitura.

Palavras-chave: Literatura na escola. Leitura literária. Clássicos literários nacionais. Desafios do ensino

MOREIRA, Laura. *Teaching literature: everyday challenges, literary reading and the still current importance of literary classics*. 2023. XX f. Dissertation (Degree in Letters) – University of Brasília, Brasília/DF, 2023.

ABSTRACT

This work aims to discuss the importance of literature in schools, especially public schools, as well as to reflect on the current teaching of classic literature and analyze alternatives for working with it in the classroom. Therefore, the concepts of literary classics and canons will be addressed, to follow a line of thought based on the conceptualizations of some critical authors, thus guiding the defense proposal of this thesis. The choice was made due to the perception of how literature and classic Brazilian literature books are being received by students in primary and secondary education in basic education. There will be no proposal for methodologies, as this is a research and reflection material. Basic education in the public network is socially and politically very important, public schools represent a more democratic education, as guaranteed by the Brazilian Education Guidelines and Framework Law (LDB 9394/96). From this perspective, public schools play an essential role in offering literature as art, as a discipline, and in providing materials, libraries, and books that contribute to the formation of the reader, the individual, and the student. The didactic material as the main teaching instrument, the lack of contact with the text and the disinterest of students in reading are some of the main challenges of the current traditional teaching of literature. This percentage raises an alert about the disappearance of literature as a discipline in schools and reflects a series of concerns regarding literary reading, the formation of critical thinking, language development, and the habit of reading.

Keywords: Literature at school. Literary reading. National literary classics. Teaching challenges.

LISTA DE SIGLAS

AIE – Aparelho Ideológico do Estado

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

FNDE - Fundo de Desenvolvimento da Educação

Iede - Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNE – Plano Nacional de Educação

Saeb - Sistema de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O QUE SÃO OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS: O CÂNONE E O CLÁSSICO.....	14
1.2 Quem deve consumir os clássicos literários	17
1.3 Clássicos literários: uma leitura para os jovens	19
1.4 Porque os clássicos são exigidos no currículo escolar	21
2 COMO É VISTO O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO	24
2.1 O que é a Literatura.....	24
2.2 O ato de ler e a leitura literária	27
3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NAS ESCOLAS.....	30
3.1 A desvalorização da leitura e da literatura no ambiente escolar.....	30
3.2 O material didático como principal instrumento de ensino	33
3.3 A leitura dos clássicos nas escolas	35
3.4 O ensino público como canal de democracia literária e cultural.....	37
4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS ARA O ENSINO LITERÁRIO	38
4.1 O papel do docente	39
4.2 A voz do aluno como repertório de conhecimentos.....	40
4.3 A vocalização e a <i>performance</i>	41
4.4 A cultura popular como abertura para os clássicos	42
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXO A – Print do tweet do influencer Felipe Neto	48

INTRODUÇÃO

O curso de letras oferece um repertório de estudos sobre o papel da literatura como disciplina nas escolas do ensino básico¹ e sobre a educação como canal de transformação, sendo assim, o tema desta monografia traz a análise e a reflexão do atual contexto escolar na área do ensino da literatura e no incentivo à leitura literária a partir de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica.

O espaço da literatura no ambiente escolar é diariamente discutido, discussões que acerbam desde a sua importância na grade-horária aos conteúdos que são realmente válidos para o mundo atual. O material didático como principal fonte de ensino e o estilo tradicional de conceituar os movimentos literários e seus respectivos autores traz empecilhos que atrapalham a leitura literária e o estudo do texto a partir do próprio texto.

Um tema que será de enorme relevância neste trabalho é sobre a importância ainda atual dos conceituados clássicos literários, é um tema muito questionado atualmente diante de um mundo moderno e cheio de informações novas. Entretanto, abordar sobre obras literárias clássicas nacionais é necessário por diversos aspectos, e principalmente, no âmbito de democratização literária e cultural através das escolas públicas.

Leva-se em consideração problemáticas vividas em sala de aula durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID² e nos estágios obrigatórios exigidos para a obtenção do título em licenciatura, as problemáticas encontradas por colegas de profissão, conjuntamente, com observações de estudiosos e pesquisadores sobre o cenário atual.

Foram necessárias longas leituras de livros, artigos acadêmicos, pesquisas científicas e textos críticos para a organização da estrutura deste documento. Contém quatro capítulos, sendo eles: 1 o que são os clássicos literários; 2 como é visto o papel da literatura na formação do indivíduo; 3 a importância da literatura nas escolas; e 4 possibilidades e alternativas para o ensino literário. Cada capítulo contém seus subcapítulos para estruturar e organizar uma linha

¹ Refere-se a Educação Infantil, ao Ensino Fundamental I e II e ao Ensino Médio.

² O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID é uma iniciativa para aproximar o futuro docente com as salas de aula da rede pública.

de pensamento. É preciso que seja claro que cada tópico abordado de acordo com os capítulos e subcapítulos se complementam de acordo com a linha de raciocínio principal deste trabalho.

O primeiro capítulo intitulado como - *O que são os clássicos literários* - aborda sobre a definição de clássico e de cânone, trazendo observações dos autores Harold Bloom na sua obra *O cânone Ocidental*, do Antônio Candido em *Direito à literatura* e do Ítalo Calvino em *Porque ler os clássicos*. É necessária uma análise mais específica sobre esses termos para que haja uma melhor compreensão do sentido que é esperado para a reflexão das obras consideradas clássicas da literatura brasileira no ensino básico brasileiro.

O segundo capítulo - *Como é visto o papel da literatura na formação do indivíduo* - traz discussões de diversos artigos que estudam o atual ensino tradicional da literatura como disciplina nas escolas. Ademais, não há como falar da literatura como matéria escolar na formação do indivíduo sem um estudo prévio de como encontra-se as aulas literaturas do ensino tradicional atualmente, pois é preocupante a desvalorização da leitura literária e do estudo das obras. O capítulo começa com definições diferentes do que é a literatura através de Aristóteles, Candido e Terry Eagleton. Este capítulo transborda-se no poder da literatura, no ato da leitura e seu poder humanizador.

O terceiro capítulo - *A importância da literatura nas escolas* - aprofunda sobre a escola como um espaço de igualdade cultural, ou seja, um ambiente favorável a democratização da cultura literária. Para isso, foi levantado a situação das escolas públicas citando a importância de uma estrutura sólida e de qualidade da escola na sociedade. Conjuntamente, com a relação do capitalismo na cultura literária e suas subordinações para as minorias diante de um afastamento proposital e preconceituoso.

O quarto e último capítulo - *Possibilidades e alternativas para o ensino literário* - não representa uma proposta de metodologia, mas a análise de algumas propostas já discutidas e do papel do professor que contempla a atualidade. Conjuntamente, tratará sobre a importância da voz do estudante como mediação de uma cultura popular já vivenciada por ele e a partir da discussão dessa cultura trazer os clássicos literários de uma maneira mais leve e aceita pelos alunos.

Por fim, a conclusão reunirá as considerações feitas sobre o tema principal e seus subtemas.

1 O QUE SÃO OS CLÁSSICOS LITERÁRIOS: O CÂNONE E O CLÁSSICO

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.

- *Calvino, Ítalo.*

Toda originalidade literária forte se torna canônica.

- *Bloom, Harold.*

Inicialmente é importante conceituar o significado do termo “cânone”, de acordo com o dicionário online (2023) é o “modo de se comportar; modelo”. “A palavra *cânone* vem do grego *kanón*, através do latim *canon*, e significava ‘regra’. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares” (PERRONE-MÓISES, 1998, p.61). É importante ressaltar que existe diferença entre o cânone literário e o clássico literário, usualmente são dois termos utilizados para se referir a um mesmo objetivo, apesar disso, possuem diferentes conceituações para a literatura.

Clássico literário está relacionado ao reconhecimento influente das obras, enquanto cânone literário dita uma lista de obras imponentes de um contexto especificado. Existem obras contemporâneas e dos novos modelos de textos que são muito influentes no cotidiano e que ultrapassam a barreira da cultura erudita, mas não se encaixam nos nomeados clássicos literários, em outras palavras, existem obras que podem ser consideradas canônicas, mas não clássicas.

Para a Igreja, determinante do poder dos séculos passados, cânones são livros listados cristãos e sagrados que referenciam a verdadeira palavra de Deus, vale lembrar que a Igreja também considerava que livros eram para a elite. Inserindo no contexto da literatura tradicional, significa então: obras selecionadas que são consideradas referências por possuírem alguma característica que marca a história e a influência de um povo de acordo com os valores considerados corretos.

De acordo com Harold Bloom³, o cânone está relacionado com a relação própria e solitária do escritor com ele mesmo a qual o autor sofre da “ansiedade do cânone” quando tenta a inclusão de suas obras na lista do cânone. Sendo assim, diverge da ideia do coletivo

³ Crítico literário e professor estadunidense.

quando se trata de conjuntos literários. Muitas obras foram divulgadas com certos objetivos que se modificam de acordo com as relações dela com os acontecimentos do local e das expectativas de quem a recebe, nesse sentido, “esquecendo a ideia de cânone como uma lista de livros de estudo obrigatório, então o Cânone dá-se a ver como sendo idêntico à literária Arte da Memória e não ao sentido religioso de cânone” (BLOOM, 2013, pg.31).

Para este trabalho, serão considerados mais de um conceito de clássico literário que se contrapõem de acordo com as barreiras ideológicas. Desde sempre, grupos privilegiados querem determinar o que é a literatura de qualidade e que possui valor significativo, criando classificações e regras para poder determinar os clássicos de acordo com seus preceitos, conceitos e valores pessoais. “Os variados tipos de engajamentos são fundamentais nas tomadas de posição no interior do campo literário e interferem diretamente na produção e na consagração literária” (MELLO, 2012, p.15). Não é errado ter a representação de clássicos, mas é errado que as obras que são encaixadas nessa lista são escolhidas a partir dos valores da minoria privilegiada que cria barreiras entre as classes e determina qual a cultura certa para cada.

Encaixando no cenário brasileiro, que não se difere dos cenários europeus, a literatura brasileira é fortemente alienada ao contexto político e econômico das classes influentes na cultura nacional resultando em barreiras e preconceitos criados para criar uma diferença entre a cultura popular e a cultura culta. Em uma formação da literatura brasileira em que os autores de maior influência se resumiam em metropolitanos de fluente classe social, surgia a emancipação da cultura das metrópoles como literatura de alta qualidade.

O Brasil, país colonizado, mas que ainda sim mantém a ideia de que cultura e escolaridade nos níveis superiores são para a burguesia, classe que comanda os meios de produção e os meios de poder, ou seja, reforçando que para a classe operária resta os ensinamentos tecnicistas relativos ao trabalho braçal. Outro ponto que influenciou na composição dos cânones literários brasileiros foi a forte influência dos autores metropolitanos que assim como na sociedade e cultura, também foi criada uma dependência literária em que a alta literatura surgia nas metrópoles ignorando o regionalismo interiorano.

Sendo assim, a escolha dos autores e das obras, e a consequente formação do cânone, se, por um lado, não podia fugir ao que, no plano dos conceitos, era tido por literatura segundo os teóricos metropolitanos, por outro lado, todavia, procurava ajustar aqueles conceitos a uma representação que desse conta dos anseios nacionalistas e, portanto, autonômicos. (BARBOSA, 2012, p.19)

No texto *Como se faz um clássico* (MELLO, 2012) é citado o papel das editoras que são as responsáveis pelo processo de intermediação entre o autor, obra e leitor. As editoras também são responsáveis pelas traduções e adaptações de obras mais antigas, contudo, os livros mais vendidos são livros de ficção (majoritariamente estrangeiros) e livros de autoajuda, além do fato de grande parte do público infante-juvenil consumir grandes franquias de ficção, o que quer dizer que o orçamento para promover livros não ficcionais e nacionais é relativamente baixo.

O campo literário brasileiro é passível de ser investigado por meio das posições sociais que ocupam os intelectuais e das instituições de socialização às quais se inserem, se legitimam e se consagram. Entre os espaços centrais pelos quais circulam os escritores estão as editoras, responsáveis por editar e distribuir seus livros; afinal, são elas que fazem a ligação ou a intermediação entre o autor e o público leitor. Antes de iniciar um percurso orientado pelas vendas dos livros e pela crítica, cabe recuperar a história das principais editoras por onde passaram nossos autores (MELLO, 2012, p.78).

Foram abordados os conceitos do que são os clássicos na literatura e de como as obras são selecionadas para pertencerem a lista representativa da literatura considerada de alta qualidade. Uniram-se o surgimento do que é ser cânone, a formação literária nacional, a relação sociopolítica e cultural para explicar brevemente o que se entende por livros clássicos, conjuntamente com diferentes percepções e análises do que pode ser entendido como o clássico relevante para a sala de aula atualmente.

É possível que os clássicos, tal como chamamos na linguagem corrente, sejam justamente isso: aquelas obras nas quais, de modo sempre enigmático, o tempo se oferece a nós para uma apropriação singular e criativa. São as obras cuja verdade nunca se fecha em si mesma, mas permanece aberta e, por isso, acontecendo – e nos tocando. No contato com os clássicos, experimentamos, então, o acontecimento de sua verdade que, por ser não apenas fruto do tempo, mas também agente do tempo, jamais cessa de acontecer: ontem, hoje e amanhã (ANDRADE, 2008, p. 195).

Para este trabalho, o foco é no clássico sendo obras que independente da sua época de publicação, gênero literário ou aprovação da Academia, conseguem trazer uma reflexão consistente, crítica e influente independentemente da idade que a leitura é realizada. Ou seja, assumindo a universalidade encontrada no texto. Mas além disso, tem de considerar obras que já possuem o seu nome registrado como clássica no seu sentido ideológico, acadêmico e até mesmo elitista para poder serem trabalhadas no processo de desmitificação dessas obras como cultas e distantes da realidade dos mais jovens e dos menos privilegiados economicamente.

1.2 Quem deve consumir os clássicos literários

Ademais, as desigualdades socioeconômicas provocam uma disparidade entre cultura popular e cultura erudita, resultando em um distanciamento de quem pode e deve consumir a cultura erudita. Esse imaginário preconceituoso e desleal precisa ser desmitificado, sendo que até mesmo os grupos menos favorecidos economicamente acreditam e se colocam em um lugar em que os clássicos literários pertencem a cultura erudita a qual não é para eles. Essa barreira cultural é causada pelo papel que as classes dominantes determinam para cada grupo social, em que jovens de grupos minoritários muitas vezes não tem o acesso às obras nas escolas e são subjugados a trabalhos braçais que não necessitam de estudos na área de formação superior.

Além do que, ao referir sobre cultura popular não significa ser uma cultura inferior ou mais simples, Weffort (2007) traz uma abordagem clara e precisa sobre isso:

Para muita gente, «popular» é sinónimo de fácil, de imediatamente acessível, de trivial, se é que não de superficial e inferior. Pensa-se que o povo é, por condição e fatalidade, incapaz de compreender e sentir as grandes obras do pensamento e da arte, que não pode deixar de haver um divórcio entre ele e as supremas manifestações do génio humano no campo da literatura, da música, do teatro etc. Para estas pessoas bem pensantes é um erro pôr os Balzacs, os Beethovens, os Ibsens ao alcance do povo, porque o povo – pobre dele! – só é capaz de apreciar os subprodutos do espírito; e, ainda quando se empreenda uma caridosa obra de educação, será preciso ter cuidado e dar-lhe os grandes autores em pequenas doses, temperados com coisas mais fáceis e aliciadoras, não vá ele, povo, ter uma indigestão e desgostar-se irremediavelmente dos belos manjares civilizados (Weffort, 2007, p.46).

No Brasil, a enorme desigualdade social reflete no acesso a diversidade cultural em todo o país, sendo assim, há grupos que não tem acesso à cinemas, teatros, museus, shows ou até mesmo parque públicos, pois setores periféricos são afetados pela falta de arborização, de transporte de qualidade, de tempo de descanso e de escolas sem verbas para investir em projetos culturais e na estrutura local e organizacional. Outro problema enfrentando pelas escolas públicas está relacionado a alimentação dos estudantes, todo os anos são publicadas reportagens por todo o país que revelam que a merenda escolar é a principal, se não a única, refeição do dia para alunos com insegurança alimentar em casa. O que resulta em crianças e jovens que vão para escola para garantir ao menos uma refeição diária. A fim de mudar esse

cenário, o Fundo de Desenvolvimento da Educação⁴ (FNDE) criou o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que possui diretrizes voltadas para a universalização, alimentação saudável, desenvolvimento sustentável, participação social e educação alimentar e nutricional, incluindo o direito à alimentação escolar que o Art. 2º garante no inciso VI:

VI- O direito à alimentação escolar, visando a garantir segurança alimentar e nutricional dos alunos, com acesso de forma igualitária, respeitando as diferenças biológicas entre idades e condições de saúde dos alunos que necessitem de atenção específica e aqueles que se encontram em vulnerabilidade social. (BRASIL, Lei nº 11.947, 2009).

Diante as dificuldades enfrentadas pelas classes sociais mais baixas, é compreensível não ter a urgência do entendimento sobre o direito à literatura, contudo não pode ser ignorado. A educação e a literatura são fontes aliadas aos processos de revolução, emancipação e democratização. Antônio Candido (2004), traz uma obra repleta de reflexões sobre o direito à literatura, sendo uma necessidade universal que dialoga com os direitos humanos. O autor aborda também sobre a relação da literatura com as classes sociais e o afastamento da cultura erudita e popular como justificativa para alienações socioeconômicas.

[...] A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2004, p.262).

Tal distinção é resultado sociopolítico, e pensando nisso, é preciso insistir sobre como a escola pública torna-se o lugar mais propício para denunciar esse afastamento das obras clássicas diante os grupos minoritários. Obviamente, a maioria das escolas não oferecem uma estrutura adequada e muitos docentes não possuem tal consciência, seja por falha na formação, pela sensação de não pertencimento ou não preocupação direta.

Para Antonio Gramsci (SCHLESENER apud Gramsci, 2013), autores de clássicos como Fiódor Dostoiévski fazem parte da cultura popular já que escrevem sobre questões universais e que contribuem para o entendimento da democracia, liberdade, consciência social e temas políticos que se conectam com a classe trabalhadora. Gramsci estudioso nas áreas da crítica literária, filosofia, história e política, aborda sobre o conceito de hegemonia no ramo de

⁴ FNDE é a “autarquia federal criada pela Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968, e alterada pelo Decreto–Lei nº 872, de 15 de setembro de 1969, é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC)”. (BRASIL)

dominação cultural. A hegemonia faz com que a sociedade aceite e conviva naturalmente de acordo com os ideais que os dominantes estruturam nas instituições e nas práticas sociais.

Com esse pensamento em consideração, a literatura é um direito de todos e precisa ser vista com esse olhar. A classificação de obras pertencentes a cultura popular não deve restringir as obras canônicas e clássicas da literatura brasileira, pois as obras devem estar no alcance de todos, tendo em vista a escola como o principal canal de oferta e de apresentação dos autores com um olhar que não distancie os alunos de querer conhecê-los.

1.3 Clássicos literários: uma leitura para os jovens

É recorrente o debate sobre as obras consideradas clássicas da literatura brasileira serem ou não leituras válidas para os mais jovens, pois, de acordo com o senso comum, a juventude não se interessa por livros antigos, rebuscados ou com temas do cotidiano. Assim como, existem textos mais atuais, divertidos, ficcionais e fáceis para o consumo desse público jovem que muitas vezes está começando a desenvolver o hábito ou interesse pela leitura. Os clássicos são colocados como antiquados, desatualizados e desinteressantes diante a riqueza contemporânea de textos.

No início do ano de 2021, o youtuber e influencer Felipe Neto criou uma polêmica ao falar em sua rede social *Twitter* que “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco” (ANEXO A). Essa fala repercutiu nacionalmente e causou reações de professores, escritores, intelectuais, jornalistas e do público em geral que em parte concordou com a fala do youtuber. Por um lado, essa fala problemática foi importante para mais uma reflexão de como é visto o papel da literatura nas escolas, assunto já discutido e, dessa vez, repercutido por uma voz influente na juventude atual. Por outro, é uma fala superficial e generalizada da real importância da leitura de obras como as pertencentes dos movimentos anteriores e do motivo desses clássicos realmente serem clássicos.

É compreensível esse pensamento quando a leitura é colocada apenas como um ato prazeroso, mas existem muitos vieses que mostram o quanto essa fala é exaltada e mal colocada no contexto educacional atual. Álvares de Azevedo e Machado de Assis não são

escritores antiquados que devem ser lidos numa idade apropriada da vida ou escritores do passado, são autores antigos de enorme contribuição para a formação da literatura nacional, para temas que ainda regem a sociedade como o racismo, o patriarcalismo, o capitalismo, entre outros. Compartilhar essa ideia de que obras pertencentes aos primeiros movimentos literários ou de autores que são descritos nos materiais didáticos reforça que é uma leitura “chata” e culta.

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude (CALVINO, 1993, p.10).

Livros sobre ficção científica ou aventuras certamente são mais atraentes para os jovens em geral, mas nenhum tipo de leitura deve anular a importância de outra. Sagas como Harry Potter ou Jogos Vorazes são extremamente significantes e possuem sua qualidade de despertar a criatividade, a opinião e a paixão pela história, mas são obras mais acessíveis para os adolescentes, existem filmes, séries e desenhos com altos investimentos de produção que são financiados por produtoras com o intuito de chamar atenção desses jovens. Isso significa que é mais fácil de despertar a curiosidade para a realização da leitura destes, diferente dos clássicos do romantismo e realismo, sendo assim, a escola também possui o papel de ofertar.

Logo, a escola exerce vários objetivos colocando textos da literatura clássica brasileira, sendo os principais: a oferta, a leitura democrática, a contextualização da própria história, a valorização dos escritores que consolidaram a literatura brasileira, a descoberta de novos gostos literários e a aproximação dos jovens com a literatura clássica. São objetivos que concretizam o viés político, social, cultural e pessoal.

Ler um livro não significa somente entender o significado das palavras ali colocadas propositalmente pelo autor, pois também demonstra carga de leitura através do léxico, o entendimento da sintaxe de cada autor e as individualidades que marcam consagram eles na história da literatura. É uma mistura de arte, leitura, linguística e cultura. Algumas palavras podem esconder o porquê estão ali, mas os sentimentos e suspiros despertados por elas criam um sentido. Existem os fatores estéticos, estilísticos, linguísticos, comportamentais, sociais e históricos que funcionam de maneira conjunta para a construção do pensamento proposto na obra.

A idade e a maturidade realmente influenciam no modo da leitura, mas isso não significa que a compreensão que uma pessoa mais nova terá é inferior à de uma pessoa mais velha. A experiência vivencial e literária contribui para uma melhor formação de opinião sobre os assuntos tratados em um texto literário, contudo é certo que o que a o texto pode entregar naquele momento de leitura vai favorecer para as próximas leituras. Muitas pessoas comparam as experiências que tiveram nas diferentes leituras de acordo com a idade, é importante reconhecer o processo de maturidade na compreensão do que um clássico pode abordar e de como você pode recebê-lo.

1.4 Porque os clássicos são exigidos no currículo escolar

O papel da literatura como disciplina nas escolas não se deve mais a consagração de um patrimônio cultural como nas décadas passadas, pois já há uma literatura brasileira conceituada e concretizada. Com isso, a principal motivação é a formação do leitor. Incontestavelmente, para essa formação é necessário o estudo da história da literatura nacional, suas influências e produções que são colhidas até os dias atuais.

Neste país existem uma série de leis e diretrizes que norteiam a educação. No ensino básico que compete da educação infantil ao ensino médio, há muitas leis que expõe suas aplicações, competências e deveres, dispendo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC⁵, o Plano Nacional de Educação⁶ (2014), os Parâmetros Curriculares Nacionais⁷ e o Currículo em Movimento⁸ que mudam de acordo com o estado, município ou distrito.

Na estrutura da BNCC existem os eixos de leitura e escrita, com intuito de incentivar a formação crítica e a boa leitura alinhado com a tecnologia e inovações que norteiam a vida dos discentes. As competências em geral visam que por meio dos textos literários, dos estudos dos gêneros textuais e o uso de materiais ocorre a transmissão de valores sociais, culturais e intelectuais. A constituição federal, a BNCC e os currículos em movimento de cada estado,

⁵ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (BRASIL, 2023)

⁶ O Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024. (BRASIL)

⁷ São documentos referenciais para as propostas curriculares fundamentais na grade curricular.

⁸ É o programa responsável pela qualidade e pelo desenvolvimento dos currículos da educação básica.

município ou distrito, deixam claro a importância da leitura em todas as suas diversidades e diferenças, com a alta influência da tecnologia, da atualização dos professores e com a participação do aluno como portador de voz.

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs e podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas. A escrita literária, por sua vez, ainda que não seja o foco central do componente de Língua Portuguesa, também se mostra rica em possibilidades expressivas. Já exercitada no Ensino Fundamental, pode ser ampliada e aprofundada no Ensino Médio, aproveitando o interesse de muitos jovens por manifestações esteticamente organizadas comuns às culturas juvenis (BRASIL, 2018, p.495).

No que diz respeito aos clássicos, na BNCC está “ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos” (BRASIL, 2018, p. 514). Ou seja, focando na linguagem para que tenha um melhoramento no uso da língua portuguesa de acordo com os padrões gramaticais da linguagem formal. Havendo uma falta de incidência sobre os outros papéis que superam esse ponto de vista focado na linguística e estética, reforçando a leitura literária. Provavelmente o foco estilístico e linguístico se deve aos resultados das avaliações decorrentes do conhecimento dos alunos em relação a leitura, interpretação, escrita e fala. Lembrando que a leitura direta das obras permite também um melhor aprendizado da língua e das regras gramaticais estabelecidas pela gramática normativa.

Sobre a recorrência das competências descritas na BNCC focadas no uso e incentivo das práticas educativas com o auxílio das novas mídias na sala de aula, há controvérsias se é algo positivo ou negativo. Em 2020, o mundo vivenciou a pandemia causada pela Covid-19, o que causou interferências nas rotinas de toda a população, e internamente, nas escolas. O fato de não poder frequentar o espaço físico escolar por causa da quarentena e do isolamento alterou o funcionamento das escolas e das aulas, com isso, as instituições precisaram se reinventar para poder cumprir as obrigações de funcionamento e não prejudicar o ensino dos alunos.

Como consequência do isolamento, a tecnologia tornou-se uma potente aliada a educação com o modelo de ensino online a partir de aulas síncronas⁹ e assíncronas¹⁰. Por conseguinte, os professores necessitaram de capacitações e treinamentos de programas e plataformas focadas na interação digital que possibilitam chamadas de vídeos online, criação de arquivos, construção de salas e participantes, assim como, materiais didáticos online. Entretanto, não significa que as estratégias criadas para o ensino remoto podem substituir cruciais para o contato do aluno com o conteúdo, com os colegas de sala e com o espaço escolar.

Isto é, a tecnologia pode ser um válido instrumento de auxílio na sala de aula, mas não substitui o papel do professor criativo e adaptável às variáveis situações que ocorrem no dia a dia escolar. Lidar com pessoas que estão em diferentes fases importantes de desenvolvimento físico e psicológico significa lidar com situações internas e externas aos muros da escola, ocorrências podem ocorrer a todo o momento, no entanto, o professor que conhece a rotina escolar e a comunidade onde atua, está mais preparado para lidar com as situações atípicas.

Sendo assim, é possível o uso de recursos tecnológicos para acrescentar as práticas de ensino com limite e sabedoria. Não há como ter controle do que os estudantes estão acessando pelos seus aparelhos tecnológicos, cujos possuem acesso fácil a plataformas digitais, jogos eletrônicos ou redes sociais, por isso a intermediação do uso da tecnologia com os conteúdos das aulas de literatura é pensada, analisada e adaptada com as necessidades da turma.

A indagação sobre como unir a tecnologia com os textos literários, inclusive os textos clássicos, é atual. Podem existir variadas dinâmicas referentes a pesquisas sobre as obras e outras artes em comum, ao acesso dos textos pela internet e a criação de atividades coletivas com o auxílio de plataforma. Utilizar as redes de internet como ferramentas contribuintes é cada vez mais comum. Outro ponto, é a realização de novas artes que surgem a todo momento nas redes, um exemplo é a criação e o uso de podcasts para falar sobre conteúdos relativos ao que está sendo aprendidos em sala. Ideias que envolvem a gravação de músicas, vídeos ou filmes para contar histórias ou até mesmo sites que criam as chamadas “fanfics”, são ferramentas prendem a atenção e desperta a criatividade dos estudantes modernos.

⁹ Síncrona significa: que ocorre simultaneamente.

¹⁰ Assíncrona significa: transmissão de dados sem ser simultaneamente.

2 COMO É VISTO O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Lemos porque, mesmo se ler não é imprescindível para se viver, a vida se torna mais livre, mais clara, mais vasta para aqueles que leem do que para aqueles que não leem.

- Compagnon, Antoine.

A literatura não pode ser limitada a apenas uma disciplina de leitura na escola, o seu papel na formação do indivíduo colabora com um cidadão mais observador e consciente sobre o seu papel na sociedade, com um leitor entendedor da existência da pluralidade de culturas e com uma pessoa com um olhar mais sensível ao próximo. Com isso, é preciso entender um pouco do mundo que é a literatura e como ela se comporta na sociedade.

2.1 O que é a Literatura

Desde sempre o conceito e a função da literatura são questionados e abordados nos mais diversos textos e por diferentes estudiosos e críticos literários. Segundo Aristóteles¹¹, a literatura incorpora a imitação do mundo, ou seja, é a mimesis que representa o mundo através da verossimilhança¹² (ARISTÓTELES, 1959). No senso comum, a literatura é associada como uma instituição que reúne textos com conteúdo imaginativo escritos por uma classe de escritores que publicam desde poemas a ficção com intenção de expor suas criações para os mais diferentes públicos focando quase que exclusivamente no sentido imaginário e não real. Antônio Candido explica sobre as três áreas que norteiam e modificam os significados atribuídos a literatura de acordo com a perspectiva e o objetivo, são eles o autor, a escrita e o leitor, mas para sintetizar com uma conceituação mais simples e direta contém a seguinte citação do seu livro *Direito à literatura*:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis a produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p. 174).

Terry Eagleton, filósofo e crítico literário britânico, traz em sua obra *Teoria da literatura: uma introdução* (2003) a dificuldade de definir a literatura, visto que são diferentes gêneros, funcionalidades, estéticas, autores, linguagens e características. Além disso, o autor

¹¹ Aristóteles foi um grande pensador e filósofo sobre a civilização ocidental da Grécia Antiga.

¹² É um termo muito utilizado na literatura para definir a coerência da realidade relatada em obras ficcionais.

traz as relações do público-leitor com o que é literário, Eagleton diz que a essência da literatura não está na escrita em si, mas na relação dos leitores com ela. A literatura é definida como arte, não apenas pelo seu poder de influenciar o cotidiano das pessoas, mas pelo seu movimento que envolve a evolução, os costumes, as características humanas e a intelectualidade, conseguindo criar suas próprias regras e quebrá-las e, também, renová-las.

Para esta tese será levado em consideração que o verdadeiro significado da literatura está na recepção do leitor e como ele estabelece a sua relação com ela. Conseqüentemente, a partir dessa relação o leitor escolhe suas leituras de acordo com sua carga emocional, social, cultural e histórica. O leitor é construído desde a apresentação de um texto de histórias infantis até as escolhas acadêmicas. Ele é construído pelas leituras desinteressadas ou interessadas, ocasionais ou escolhidas, presenteadas ou obrigatórias. A obra se adapta e se transforma de acordo com a idade, época ou situação, conseqüentemente, a obra torna-se um movimento no sentido de ação e continuidade.

Em um sentido utópico, a literatura é vista como algo que pode moldar o caráter do ser humano como um ser empático e bondoso, sendo assim, surge uma imagem exaltada sobre esse papel da literatura na formação do indivíduo. É inquestionável o papel de humanização que ler oferece a uma pessoa, pois ler desperta emoções e experiências. Entrar nos mundos literários traz novas percepções e ideais, mas é necessário um cuidado ao achar que toda pessoa com uma carga grande de leitura torna-se melhor, mais empática e honesta. Antônio Candido traz uma abordagem sobre humanização que condiz com a ideia expressa anteriormente, de acordo com o autor:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

A humanização permite uma melhor e mais ampla compreensão das relações dos indivíduos com a sociedade, natureza, com o outro e com as situações cotidianas, as ações são moldadas e sensibilizadas, porém tem de haver um cuidado entre o poder de ler para desenvolver a humanização em alguém e o achismo de superioridade por ter mais leituras e conhecimentos sobre obras e autores, principalmente, quando envolve os clássicos que são considerados mais cultos e vantajosos para adquirir conhecimentos intelectuais. A leitura

fornece um entendimento sobre o mundo e as ações encontradas nele através da construção do espaço, do enredo, do tempo e das personagens, o leitor acompanha o autor e o narrador de uma maneira prazerosa e sem obrigações.

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor; sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. Paradoxalmente, por apresentar um mundo esquemático e pouco determinado, a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade concreta (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.15).

Neste capítulo o objetivo principal é o diálogo entre o poder de humanização da literatura sem associar diretamente que um leitor regular e crítico seja uma pessoa melhor para si e para a sociedade. Apesar de que as ações boas ou más são conceituadas a partir de religiões, legislações e opiniões, o ser humano é capaz de revelar ações naturalmente empáticas e justas. Um texto literário desperta olhares sob vivências que fogem da sua própria realidade, mas que dão um sentido no modelo de sociedade a qual você pertence. Dentro de uma única comunidade existem diferentes extremas realidades, a sensibilidade de entender o que é a realidade concreta da maioria é rara quando comparada a elite que não quer ter um olhar humanizador na vivência dos que não pertencem a aquele mesmo lugar. “Nem a arte nem a literatura têm de nos dar lições de moral. Somos nós que temos de nos salvar, e isso só é possível com uma postura de cidadania ética, ainda que isto possa soar antigo e anacrônico” (JOSÉ SARAMAGO).

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, BNCC, p 138).

A passagem citada foi retirada da BNCC, reforçando o potencial transformador e mobilizador da arte, conjuntamente com a dimensão humanizadora e é certo que a literatura possui esse potencial que une características, estruturas e trocas. Somado ao valor que uma bagagem de leitura poder fazer, resultando então na implicação do leitor corresponder as diversas camadas que podem ser desfrutadas naquela leitura descontraída ou preocupada.

O mundo da literatura pode ser cativante, frustrante, criativo, observador, curioso, completo, incompleto, eufórico, calmo, misterioso, fantástico, realista, inspirador, mas principalmente, pode ser seu mundo de refúgio, de inspirações ou de conscientização sobre a

realidade. A literatura contribui para a língua e para a linguagem, fatores essenciais para o desenvolvimento humano, e na formação de um indivíduo o conhecimento adquirido a partir das leituras possibilitam um melhor entendimento da língua com a ampliação do léxico e da capacidade de entender a sintaxe, tal como, fortalece o poder da comunicação a partir da linguagem estimulando a criação de diálogos e a criatividade ao se comunicar.

2.2 O ato de ler e a leitura literária

Frequentemente a leitura é dividida em mais de uma função que é destinada de acordo com os interesses e com os ambientes, da mesma forma acontece com o leitor, que é prescrito por definições de acordo com o modo que ele visualiza e utiliza a leitura. Independentemente do tipo leitor, é concordante que o ato de ler e de ter o hábito de ler é engrandecedor e valoroso.

O ato de ler pode ser promovido quando o ser humano ainda nem aprendeu a habilidade cognitiva da leitura, a mediação da leitura para bebês favorece o desenvolvimento cognitivo, a percepção dele com o mundo que ele está descobrindo, além de criar um momento afetivo de aproximação dos responsáveis com eles. “A construção dos circuitos cerebrais é altamente influenciada pelas experiências no início da vida, diretamente mediadas pela qualidade das relações socioafetivas, principalmente pelas interações da criança com seus cuidadores” (CIENTÍFICO, 2014, p.5).

Uma boa prática de leitura é essencial no desenvolvimento pessoal e coletivo de qualquer ser humano, utilizar a leitura para entender processos humanos e mundanos é o método mais eficaz de reflexão do pensamento crítico-social e de compreensão dos sentimentos humanos. Além disto, contribui para o desenvolvimento da linguagem e para o enriquecimento do vocabulário, conjuntamente, com o impulso criativo e imaginativo.

Não existe uma lista correta com quais livros devem ser lidos para você obrigatoriamente você gostar, contudo, existem leituras obrigatórias para a formação acadêmica e para uma formação individual que saiba agir em sociedade. Isto é, cada indivíduo tem a liberdade de escolhas dos seus gostos e com quais autores ou gêneros ele simpatiza, entretanto, existem leituras essenciais para o bom convívio e para poder adquirir esse poder de escolha das leituras através da ampliação das habilidades linguísticas e bagagem literária.

O uso do termo leitura “literária” causa uma reflexão sobre existir tipos de leituras e qual é adequada de acordo com o objetivo, neste texto é assertivo que estar falando de leitura literária “consiste, em parte, em tomar o que é dito nos termos como é dito. É o tipo de escrita em que o conteúdo é inseparável da linguagem na qual vem apresentado. A linguagem é constitutiva da realidade ou da experiência e não se resume a mero veículo” (EAGLETON, 2017, p.5).

[...] na escola, diante da imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se a capacidade interpretativa dos educandos. Soma-se a isso o fato de a escola enfatizar a leitura dos textos clássicos, com o objetivo de, à primeira vista, “facilitar” o contato do aluno com obras canônicas para depois desenvolver a leitura de textos mais contemporâneos e experimentais. (SILVA, 2005, p. 17).

A leitura literária permite o encontro com textos que te transformam e te marcam naquele momento e por uma vida inteira, não sendo exclusiva para estudiosos, mas que se relaciona com qualquer pessoa que encontra nas palavras significados dos processos aos quais ela convive e na apreciação da estética cultura encontrada nas obras. O livro *A importância do ato de ler (1921)* do Paulo Freire traz a exposição da reprodução da leitura de acordo com as dominações contrastando com o poder da leitura crítica para o enfrentamento das injustiças sociais a partir da compreensão das indigências. Os educadores e educandos vivem numa posição que exige um confronto da ideologia dominante com a realidade que inviabiliza uma educação neutra e exige uma escola que não é moldada com os interesses dos mais fortes.

A partir deste momento, falar da impossível neutralidade da educação já não nos assusta ou intimida. É que o fato de não ser o educador um agente neutro não significa, necessariamente, que deve ser um manipulador. A opção realmente libertadora nem se realiza através de uma prática manipuladora nem tampouco por meio de uma prática espontaneísta. O espontaneísmo é licenciado, por isso irresponsável. O que temos de fazer, então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática (FREIRE, 1989, p.16).

Freire tem um forte posicionamento sobre a alfabetização ser uma ferramenta que permite que os educandos possam aprender a ler o mundo a partir de uma perspectiva crítica e política. Portanto, os educadores apresentam um papel nesses processos ao se posicionarem criticamente em relação a ideologia dominante negando a posição de neutralidade, pois a educação é a prática da libertação para haver mudanças na sociedade. Nesse contexto, o ato de ler relaciona-se ao ato de ler o mundo, não somente de ler as palavras, assim dizendo, ler para compreender o texto de forma que ele tenha uma relação com os seus contextos.

Segundo a matéria “analfabetismo funcional atinge 29% da população brasileira” (PREFEITURA JARAGUÁ DO SUL, 2021) do site do jornal G1, estudos revelam que cerca de 29% da população brasileira é analfabeta funcional, isso significa que essa porcentagem da população sabe ler, porém não sabe compreender e interpretar o que estão lendo. Essa taxa alta mostra mais uma vez os problemas em relação a leitura no cenário brasileiro, o baixo hábito de leitura causa consequências que influenciam a jornada pessoal, acadêmica e profissional. Consequências que poderiam ser evitadas caso as escolas investissem na leitura literária desde a alfabetização das crianças, que praticando a leitura literária iriam além da compreensão de informações básica consolidando uma leitura possível de interpretações mais sensíveis, do entendimento das características do gênero e da língua, da estética proposta e da liberação de emoções pessoais em contato com o texto.

Ao mergulhar em um texto literário se perdendo e se encontrando em sua leitura, o aluno pode disponibilizar para si um poderoso arsenal de disposições técnicas. Seria a aquisição de uma tecnologia apta a instruí-lo eficazmente na arte de manipular ideias e conceitos em prol de uma realidade mais justa e humana. Na escola, a literatura pode assim civilizar e, a partir desse momento, humanizar (CHIARETTO, 2013, p.05).

Não existe limite de idade para começar a ter o hábito de ler, mas há uma maior facilidade de ter leitores quando o incentivo começa desde cedo, com pequenas leituras que aguçam a curiosidade e despertam o gosto. Se empolgar em uma leitura faz você criar vozes para os personagens, faz você conhecer as casas deles, faz você tomar simpatia ou antipatia pelas ações deles, o envolvimento torna-se tão profundo que você acolhe os momentos de alegria dos personagens comemorando junto a eles ou faz você chorar vendo eles passarem por decepções. Você passa conhecer tão bem as características de um personagem, que pode defini-lo além das descrições do narrador e prever as reações diante as transformações do enredo. Cria-se uma relação íntima de amor, carinho ou até desprezo.

Ler um livro causa questionamentos sobre o certo e o errado. Não é fácil perceber algo em comum com aquela história que te comove, mas quando você percebe aquilo se torna mais real. E quando a fantasia te faz pensar nas inúmeras criações mágicas e talentosas que o ser humano é capaz de escrever, pode ser uma cidade com heróis disfarçados, uma floresta encantada, uma escola para bruxos. Ou quando traz a verossimilhança com as maldades da realidade desses mesmos seres humanos que tanto podem ser geniais na fantasia como podem ser cruéis, em que pessoas eram perseguidas pela sua religião, mulheres que não têm direitos e eram tratadas como aias, pessoas pretas eram escravizadas por conta da sua cor, estudantes foram torturados por exercerem o papel de lutar contra uma ideologia que oprimia.

3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NAS ESCOLAS

O declínio da literatura indica o declínio de uma nação. - Goethe.

São diferentes saberes que estabelecem a leitura na escola, podendo ser divididos em: os saberes que nascem do conhecimento dos gêneros, da poética dos textos, dos discursos e outros; os saberes que nascem pelas percepções pessoais e os gostos criados ali; e os saberes nas áreas relacionadas ao léxico. Todos eles ocupam um espaço essencial na formação do leitor, mas na sala de aula esses saberes ou são colocados de forma superficial ou são ignorados.

Os saberes relacionados aos gêneros textuais e literários, o estudo da poética e dos discursos são reduzidos a um didatismo engessado e categorizado em explicações curtas nos livros didáticos. Os saberes que refletem a relação pessoal são excluídos e não potencializados quando o aluno não tem voz. Os saberes em relação ao léxico são regradados e dificultados nas leituras dos textos a partir de uma barreira erudita e da segmentação das obras.

Dentro das problemáticas enfrentadas no cotidiano escolar estão: a escolha das obras a serem estudadas de acordo com cada etapa educacional, o papel do professor moldado de acordo com um modelo pronto e engessado, a fragmentação dos textos literários que são apresentados apenas nos livros didáticos e a infraestrutura que não oferece condições adequadas para trabalhar as obras.

3.1 A desvalorização da leitura e da literatura no ambiente escolar

Este capítulo tratará especialmente sobre a leitura literária e o estudo da literatura no contexto escolar com foco nas instituições públicas. Para contextualizar a importância das escolas públicas no Brasil, é preciso lembrar como foram as mudanças que precederam a consolidação da educação pública nas leis e como o governo trabalhou para isto. Desde o início da república começou a noção da escola pública no Brasil, no entanto, foi na década de 30 que começou a haver políticas públicas significativas e a criação do Ministério da Educação com a ampliação dessas políticas. Ao longo das décadas o reconhecimento e a regulação da escola pública foram movimentos graduais, passando por diferentes cenários até os dias atuais.

Ao falar da educação no contexto capitalista é de extrema relevância lembrar o conceito de aparelho ideológico do Estado, pertencente a ideologia designada por Louis Althusser e de como a escola é instituída como um desses aparelhos. Althusser foi um filósofo francês do século XX com grandes contribuições para os pensamentos marxistas. Ideologia é uma sequência de concepções, ideais e crenças que servem para moldar a interpretação da sociedade e do mundo dentro de um contexto que privilegiam o controle social dos dominantes. Em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), Althusser coloca a escola com um AIE¹³ onde, através das práticas sociais ideológicas, são impostas para manter o domínio da classe dominante sobre as outras.

Ora, o que se aprende na Escola? Vai-se mais ou menos longe nos estudos, mas de qualquer maneira, aprende-se a ler, a escrever, a contar, - portanto algumas técnicas, e ainda muito mais coisas, inclusive elementos (que podem ser rudimentares ou pelo contrário aprofundados) de «cultura científica» ou «literária» diretamente utilizáveis nos diferentes lugares da produção (uma instrução para os operários, outra para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma outra para os quadros superiores etc.). Aprende-se, portanto, «. saberes práticos» (des «savoir faire»). (ALTHUSSER, 1974 p. 20-21).

É curioso pensar em como a cultura está diretamente influenciada pelo capital e pelo poder econômico, sendo que quando pensa na beleza da arte, o sentimento que Candido sobre a literatura como direito universal torna-se inquestionável. Ou seja, a literatura é dividida por barreiras culturais ou por obrigações que determinam qual posição ela pertence. O papel da literatura torna-se uma obrigação para cumprir o currículo na educação básica, e quando está em fases mais avançadas da vida, ele apenas interessa a quem se dedica a estudos sobre a crítica literária.

Mas, por outro lado, e ao mesmo tempo que ensina estas, técnicas e estes conhecimentos, a Escola ensina também as «regras» dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Ensina também a «bem falar», a «redigir bem», o que significa exatamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a «mandar bem», isto é, (solução ideal) a «falar bem» aos operários etc. (ALTHUSSER, 1974, p. 21).

Uma regular prática de leitura permite um melhor desenvolvimento em todas as matérias escolares, além de ser uma ferramenta importante para a realização dos vestibulares. Muitas questões e textos necessitam de uma interpretação e compreensão sensível e objetiva,

¹³ AIE é a sigla para Aparelho Ideológico de Estado.

portanto, seja nas áreas de exatas, humanas ou biológicas, a leitura vai influenciar no aprendizado.

A pesquisa desenvolvida pelo instituto Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) sobre os espaços para leitura oferecidos pelas redes de ensino público no Distrito Federal revelou que apenas 26% das escolas públicas possuem biblioteca (DUTRA, 20022). As informações foram baseadas no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) no ano de 2021, o que significa 5% abaixo da média nacional de 31% (DUTRA, 2022). Dentre os motivos para a falta desses espaços estão a falta de profissionais como biblioteconomista, a falta de infraestrutura e o pouco acervo de materiais.

O baixo investimento em bibliotecas reflete a desvalorização da leitura nas escolas, assim como, nos profissionais necessários para a ordem e o funcionamento pleno das bibliotecas. A gestão de uma escola precisa funcionar em harmonia para que todos os seus colaboradores executem seus papéis e façam da escola um espaço de boa convivência, de aprendizado, socialização e de investimentos.

Em relação ao texto literário, ele é utilizado como um acessório para contextualizar conceitos e épocas das escolas literárias na formação da literatura brasileira, deixando de ser um objeto delicado de estudo. Essa didática vai contra a formação do leitor crítico que é destacado na BNCC e nos estudos sobre a importância da leitura, tornando o texto indispensável e passível de interpretações sobre ele somente relacionadas ao que falam sobre os textos e não sobre o que o texto diz.

[...] Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos (TODOROV, 2009, pag. 27).

Não tem como desassociar o professor-leitor do aluno-leitor, “é imprescindível que a biblioteca escolar pense seriamente no professor. Os alunos dificilmente serão leitores se os professores não o forem. O acervo deve contemplar as necessidades de lazer e de trabalho do professor” (CAMPOS; BEZERRA, 1989, p. 88). É imprescindível ao falar sobre os problemas enfrentados pela falta de alunos que são leitores sem falar sobre o professor que precisa ser um leitor frequente, quando se trata do professor de literatura é mais exigente ainda que ele seja atualizado e aberto a adquirir diferentes leituras.

Os professores, pressionados por programas panorâmicos, sentem-se obrigados a cobrir toda a linha do tempo (assim como se sentem pressionados a cobrir todos os

pontos da gramática), fazendo uso da história da literatura, ainda que isso não sirva para nada: aulas “chatas”, alunos e professores desmotivados, aprendizagem que não corresponde ao que em princípio foi ensinado (OLIVEIRA apud Ibid., 2010, p. 76).

A desmotivação resulta em processos obrigatórios e automáticos que desvalorizam as aulas, os conteúdos, os textos e as atividades. Não só atinge os alunos, como também atinge os professores que se acostumam com a rotina de apenas cumprir a o conteúdo de acordo com a carga horária e as exigências da escola, deixando muitas vezes de avaliar o processo de aprendizagem como um processo evolutivo.

3.2 O material didático como principal instrumento de ensino

O ensino médio da maioria das escolas é voltado para conteúdos mais recorrentes nos vestibulares tradicionais, o ENEM e, no caso do Distrito Federal, o Programa de Avaliação Seriada (PAS) – UnB. Ou seja, os próprios materiais didáticos trazem questões anteriores que caíram nas provas de vestibulares passados com o intuito dos estudantes estarem preparados a responder o tipo de questão correspondente com as bancas das provas e instituições. Nesse quesito, a literatura é apontada como um importante instrumento de estudo, pois os vestibulares próprios das universidades públicas compõem uma clássica lista de obras recorrentes e influentes nas provas. O que resulta em um contato secundário com o texto literário que sofre fragmentações e limitações para se encaixar no padrão de periodização da história da literatura, como também, é moldado de acordo com as questões trazidas pelo livro didático.

[...] O perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. Para esse jovem, a literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública (TODOROV, 2009, p. 10).

O papel do professor no ensino tradicional é de reforçar as questões prontas dos materiais didáticos e de alcançar metas de acordo com o tempo e a proposta de cada escola. O professor é limitado a apenas o que o livro didático expõe por definições, classificações e limitações dentro de uma grade curricular pronta de acordo com as datas das provas escolares e metas a serem alcançadas. “Ou seja, o que Todorov reivindica é que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional (e, por conseguinte, da nossa formação como cidadão), em especial nos cursos de literatura” (TODOROV, 2009, p.11). E

mais uma vez características concretas e marcadas são decoradas e são ensinadas para serem decoradas para a realização dos vestibulares. A leitura da obra torna-se inválida e desnecessária. “O didatismo não somente afasta o aluno do texto; também faz que o próprio professor deixe de ser um investigador e se transforme em um refém do material e dessa lógica de ensino” (OLIVEIRA, 2010, p.280).

O material didático deixa de ser um auxiliador para a mediação do conteúdo e passa a ser o único instrumento de ensino e, na maioria das vezes, sem ser bem explorado. Não é invalidada a sua necessidade nas aulas, mas sim problematizada o seu uso limitador e não didático no cenário em que somente ele é utilizado em aula. O texto literário que o livro traz precisa de uma explicação antecedente do seu uso para o aluno compreender o motivo dele estudar, conciliando com a leitura literária, discussão, atividades e conceituação. Isto posto, fica evidente que para a leitura e o estudo do texto é uma preparação baseada no intuito do porquê ele estar sendo apresentado ao aluno e como ele irá ser trabalhado.

[...] o discurso didático esvazia o texto literário de seu potencial, congelando-o em definições e classificações [...]. Em nome da literatura, tais procedimentos, muito usados nos livros didáticos [...] acabam por deformar o leitor ou afastá-lo do texto definitivamente (OLIVEIRA apud Silva (1986), 2010, p.280).

Uma observação é a citação anterior que critica o discurso didático nas leituras dos textos, o que quer dizer que a concretização genérica do texto dispersa o seu potencial de interpretação, compreensão e recebimento ao lê-lo. A fragmentação do texto literário nesse tipo de livro didático dificulta o contato completo do estudante com o texto que ele já vê como difícil apenas pelo fato de estar ali, com o a fragmentação fortalece o intuito informativo e não literário causando um distanciamento e diminuindo o envolvimento do aluno com o texto literário. Poucas páginas do livro didático não são capazes de dizer mais sobre o livro literário do que ele mesmo.

O uso da literatura como disciplina ultrapassa a visibilidade estética dos movimentos literários e a torna o principal instrumento de estudo e análise. De acordo com Calvino (1993, p.12):

Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele.

É visível e reconhecida a facilidade do uso do livro didático como principal objeto de ensino, em turmas com grande quantidade de alunos e com o cronograma contado para aplicar os conteúdos, torna-se mais eficaz para o cumprimento da obrigação. Isto não quer dizer que a qualidade é mantida, já que as aulas de literatura são colocadas como mais desinteressantes e vagas, com um conhecimento periódico e de decorebas. O estudo fica preso nas questões de interpretações de pequenos pedaços do texto. Tanto o aluno quanto o professor ficam sujeitos as respostas dessas questões.

3.3 A leitura dos clássicos nas escolas

Com o que foi exposto anteriormente, é certo que manter os clássicos literários nos currículos do ensino básico vai além de uma exposição da história da literatura, mostrando que engloba fatores que fortalecem uma sociedade mais justa, democrática e empática. É evidente que precisa de mudanças na maneira de introdução e aplicação dos clássicos em sala de aula, mudanças que necessitam de tempo e adaptações. Tal como, a inclusão de obras contemporâneas agrega o aprendizado e os debates entre os estudantes,

A leitura de textos produzidos contemporaneamente e a inclusão de obras que apresentam uma estruturação pouco linear tornam-se práticas que ainda precisam ser mais valorizadas em sala de aula. Não estamos querendo questionar a importância da leitura dos clássicos, mas sim o modo como esses textos são impostos para os alunos no espaço escolar (SILVA, 2007, p. 517).

O texto literário precisa ser o principal objeto de estudo para poder manter os clássicos no currículo. É impossível realizar a leitura de todas as principais obras em um tempo definido, por isso, a escolha da bibliografia é um processo simbólico e desafiador. Infelizmente, a escola, que é o local mais propício para trabalhar com essas obras, não está valorizando-as. O problema certamente não será resolvido apenas mantendo tais obras no currículo, mas é preciso a movimentação de compreender a importância de mudar o ensino tradicional, ampliar os espaços literários, manter uma estrutura escolar decente, contratar profissionais para não sobrecarregar os professores. É desanimador estar na sala de aula diante os cenários atuais de desinteresses e dificuldades de comunicação entre os docentes e discentes, mas a educação é sim a principal fonte de emancipação, construção e evolução pessoal e coletiva.

Para ocorrer a aproximação dos leitores com os clássicos na escola, tem que corromper a ideia de ser um clássico são escritos antiquados com uma linguagem rebuscada que não se encaixa nos interesses atuais. Os autores são colocados em um âmbito de padrão e importância, o que não significa que deve assustar ou dificultar o acesso de suas obras com a sociedade. A consagração dos autores e das obras é utilizada nos livros didáticos para expor o processo historiográfico da literatura nacional, isto significa que se associa o texto clássico a um passado não mais influente e a uma exposição de contextualização de época, o que causa irrelevância para ter a leitura literário dos textos e a leitura completa deles.

O que acabamos de dizer não autoriza a deduzir que se possa, de algum modo, ignorar a época contemporânea do escritor, que se possa devolver sua obra ao passado ou então projetá-la ao futuro. [...] Uma obra literária, como já dissemos, revela-se principalmente através de uma diferenciação efetuada dentro da totalidade cultural da época que a vê nascer, mas nada permite encerrá-la nessa época: a plenitude de seu sentido se revela tão-somente na grande temporalidade (BAKHTIN, 2003, p.366).

Logo, é sobre valorizar o patrimônio literário que é ofertado como porta para o crescimento pessoal. Possivelmente, é na escola que um jovem periférico pode ter o único acesso a autores como Lima Barreto, Jorge Amado, Euclides da Cunha, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Machado de Assis, eles têm o título de autores referência em comum, mas cada autor possui sua particularidade que pode interessar o jovem leitor. O aluno pode se aventurar pelas ruas de Salvador com as peripécias do grupo de adolescentes marginalizados de *Capitães de Areia* (AMADO, 1937). Ou pode rir das sátiras do conto *A Igreja do Diabo* (ASSIS, 1884) em que a figura do diabo tem um senso de humor “ácido”. Ou se assustar com a narrativa de *A Paixão Segundo G.H.* (LISPECTOR, 1964) quando a autora descreve a ação da protagonista em provar uma barata esmagada.

A inserção dos jovens com as leituras não precisa integralmente ligada a crítica profunda e analítica das narrativas. Uma leitura desinteressada que acompanha as emoções simples da construção do enredo é relevante e significativa, a leitura literária provoca um maior entrosamento com os detalhes. Se clássicos estrangeiros fazem sucesso na literatura infanto-juvenil como Shakespeare ou Miguel Cervantes, é possível uma aproximação de contos e romances brasileiros com os jovens.

Sobre as adaptações dos clássicos existem algumas controvérsias, é inquestionável que a leitura direta dos clássicos não pode ser substituída pelas adaptações, mas elas servem para criar um primeiro contato, um primeiro interesse e uma aproximação das obras originais. Frequentemente, quando se fala sobre algum autor ou obra da literatura clássica brasileira, de

imediatamente já descarta a leitura para crianças, portanto, as adaptações tornam-se a melhor opção para a inserção das leituras com um formato mais leve. Ana Maria Machado, autora de consideráveis produções sobre educação, literatura e ensino, traz esse comentário abaixo sobre a interação das adaptações com os leitores iniciantes.

Não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que deve se propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2002, p.12-13).

A inserção dos clássicos é contínua, pode começar com as adaptações e a partir delas criar estímulos para que queiram ler as obras originais futuramente, em seguida, entender os processos críticos e reflexivos que elas trazem para própria realidade e construção de pensamento. Assim, no ensino médio que é a época em que os clássicos se tornam obrigatórios para a realização de provas internas na escola e vestibulares externos, a leitura é mais gostosa, simples e coesa.

3.4 O ensino público como canal de democracia literária e cultural

Finalmente este é o subcapítulo que tratará de maneira mais detalhada a importância do ensino público como canal de democracia literária e cultural para a população brasileira. Os temas tratados anteriormente se reúnem aqui com o objetivo de apontar da forma mais clara o porquê que, apesar das inúmeras falhas do ensino público, ele ainda é um canal de mudanças que começam internamente para refletir exteriormente dos muros das escolas.

[..] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola (CALVINO, 1993, p.13).

Esse espaço escolar deve ser aproveitado para estimular sobre o que é ser cidadão com direitos e com futuras oportunidades, visando uma formação crítica e consciente do papel do indivíduo na sociedade e quais seus direitos fundamentais. O mercado de trabalho com carteira assinada e direitos trabalhistas exige cada vez mais a formação estudantil, muitos jovens não enxergam e não conseguem o acesso a universidades ou cursos de formação, estão

dispostos a entrar no mercado de trabalho assim que saem do ensino médio, aceitando condições não dignas de trabalho para a própria sobrevivência.

Como já exposto, a escola pública promove a universalização da educação e através do ensino como prática libertadora permite o entendimento dos contextos aos quais o indivíduo está inserido tornando-o um leitor do mundo e da sociedade capaz de enfrentar as dominações e ideologias hegemônicas de poder. Além disso, também deve promover a pluralidade cultural brasileira, visto que o país é constituído por diversidades de raças, povos, religiões, costumes e línguas. Á vista disso, iniciativas que propõe a inclusão social e o convívio as diferenças são condizentes com o papel democrático e igualitário que o ensino público tem como motivação.

[...] ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis (BRASIL, PNEEPEI, 2008, p.5).

Regularmente a inserção das crianças em instituição de ensino é feita a partir dos quatros anos, apesar da idade ser pouca, a escola é importante para a socialização das crianças, para o estímulo do desenvolvimento da fala, para a criação de laços externos e para iniciar a formação de um indivíduo que vive em sociedade. Ao longo dos anos essas crianças vão se descobrindo e a escola participa ativamente. Isso mostra que é na escola que muitos jovens descobrem os seus gostos, as suas paixões, as suas inseguranças e os seus desejos. Entre essas descobertas estão os livros. Por conseguinte, é mais um motivo para a escola disponibilizar materiais que sejam tangíveis aos estudantes.

A escola pública, apesar das suas enormes dificuldades, é frequentada por pessoas que acreditam num mundo melhor e que acredita na educação, por isso os seus funcionários são resistentes e colaboradores de um trabalho muito bonito. Funcionários que fazem além do próprio trabalho, resistindo aos cortes de verba, a desvalorização, aos salários não compatíveis e a infraestrutura lamentável para um lugar onde há tanto para florescer e fornecer condições para sonhar, realizar e educar.

4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS PARA O ENSINO LITERÁRIO

Este capítulo não trará um método específico sobre como dar aula de literatura, mas uma exposição de algumas alternativas atuais estudadas e utilizadas por alguns estudiosos da área

da educação. Estas, evitam a classificação dos movimentos literários a partir de uma historicidade e conceitos concretos e absolutos. Visando a sala de aula como um espaço de troca e de voz para um aluno ativo, a leitura no contexto leitura literária, e por fim, uma troca cultural a partir de uma didática plural.

4.1 O papel do docente

Não existe a fórmula correta de ser um bom docente que consegue instigar com 100% de sucesso todos os seus discentes. Contudo, existem docentes dispostos a se atualizarem nos métodos, a conhecerem seus alunos escutando seus desejos e dificuldades. É necessária que a teoria e a prática sejam atualizadas e complementadas, estar em sala de aula é sempre um desafio, estudar o científico é bem-sucedido quando o professor sabe prestar atenção nas necessidades do seu ambiente de trabalho.

Questões exteriores interferem na sala de aula, locais menos favorecidos economicamente sofrem com a dificuldade de acesso as escolas, com a insegurança alimentar das crianças e suas famílias, com a violência e com a necessidade de trabalhar para auxiliar em casa. Isso significa que o professor precisa do auxílio de toda uma equipe pedagógica (psicólogo, monitor, coordenador), porque apesar de não ser a obrigação dele lidar com todos os problemas de seus alunos, um docente que se preocupa com a evolução do aprendizado do aluno consequentemente se envolve em outras questões além do conteúdo e da disciplina.

O professor, ao longo da sua experiência, cria fórmulas que são adaptadas de acordo com seus métodos e com o que é necessário para o funcionamento das suas aulas, ele constrói uma bagagem profissional que se inicia nas primeiras vivências do processo de formação da licenciatura e perpassa por um caminho de experiências individuais que vai moldando a sua atuação profissional. E um docente atento que reconhece os seus erros, que aceita mudanças e não fica estagnado no que aprendeu apenas durante a sua formação é um docente que pode contribuir imensamente para o ensino do aluno.

“Nesse contexto, ler literatura em diversos suportes deve ser uma prática do professor antenado com as transformações tecnológicas, de tal modo que esse trabalho didático não recaia no outro extremo: desconsiderar os autores e os suportes mais antigos” (VIANNA, 2019, p.10). Um docente que se atualiza dos interesses dos seus alunos está sempre disposto a

melhorar o funcionamento da sala de aula. No curso de licenciatura são oferecidas disciplinas que mostram cientificamente a notoriedade de haver didática nas aulas, são benefícios de boa convivência, de interesse, de bom aproveitamento e de real aprendizagem

Discutir sobre o papel do docente é discutir sobre a necessidade do estágio na formação dele e de outros projetos que incentivam e incluem o estudante em formação na prática da sala de aula. O que aprende na teoria na maioria das vezes não é compatível com a prática, mas a teoria e o conhecimento científico proporcionam uma percepção mais delicada e cuidadosa da realidade de dar aulas, é preciso atualizar-se com as mudanças evolutivas.

O professor segue um plano e um planejamento de aula que envolvem os objetivos das aulas e como atingi-los, dificilmente ele tem tempo para fazer tudo o que planeja, mas alguns pontos são essenciais para iniciar qualquer projeto ou conteúdo. Entre esses pontos estão a apresentação, o simples fato de apresentar o tema a ser estudado explicando o porquê dele se estudado e qual a sua importância para a vida (acadêmica ou não), é mais fácil contextualizar e fazer ter sentido o motivo de estar aprendendo algo.

4.2 A voz do aluno como repertório de conhecimentos

Decerto, precisa haver a desmitificação de que o discente só ocupa o espaço de aprender nas aulas as quais eles só devem escutar e internalizar o que está escrito nos materiais didáticos ou o que os professores aplicam. Qualquer pessoa, independentemente da idade, contém uma bagagem, emocional, lexical, cultural e de conhecimentos diversos, ao longo da vida vai construindo de acordo com os planos, objetivos e caminhos a serem levados. Logo, desqualificar o que o aluno pode abordar para acrescentar ou apenas contrariar é se colocar em uma posição de superioridade falsa.

Para os professores, é fundamental a consciência de a sala de aula não deve ser um espaço de hierarquia do saber, onde apenas os conhecimentos dos professores são válidos e qualificados. “Mas assumir a ingenuidade dos educandos demanda de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também” (FREIRE, 1989, p.17). O aluno tem vivências que interferem a sua condição de aprender, além de que cada ser humano passa por diferentes experiências tornando-as únicas.

Utilizar debates para trabalhar com os textos literários é um método muito eficiente de entender qual a compreensão de que cada um teve sob uma mesma obra e é durante essas conversas que geram trocas sábias e sinceras. Quando esse espaço para conversa é aberto, é mais fácil de associar acontecimentos das narrativas com os da vida real, é quando se faz a comparação de temas mais sérios que ainda permeiam a realidade como o racismo, as desigualdades, a relação com a morte e as injustiças do mundo.

Em suma, aceitar sugestões do aluno e não o reprimir por aquele pensamento é uma estratégia de criar um espaço favorável ao verdadeiro ato de ensinar, ao qual o aluno sente uma melhor empatia pela disciplina e se vê sendo respeitado e ouvido.

4.3 A vocalização e a *performance*

Este texto apresentou significativos motivos para incentivar a leitura e focar na leitura em sala de aula, e para isso, a prática da leitura oral é válida e acrescenta na formação da leitura crítica e literária. A autora do artigo *Leitura, voz e performance* (2010), Eliana Oliveira, aborda sobre a sua experiência com os alunos em sala de aula com o uso da vocalização e da expressão corporal nas leituras dos textos. Leitura vocalizada que pode ser caracterizada como leitura em voz alta a partir de uma experiência de estar incorporando a voz no texto e não só lendo-o forçadamente e automatizada, por isso é chamada de vocalizada, segundo a autora a “leitura em voz alta é uma maneira de incorporar a experiência da leitura literária, de oportunizar um contato efetivo com as obras, ou seja, trata-se de uma experimentação no próprio corpo, mais especificamente, na voz, da palavra do outro, escrita e inscrita na obra” (OLIVEIRA, 2010, p.285).

A tensão presente no desafio posto de não “errar” na oralização do texto torna essa leitura uma atividade castradora, que resulta numa memória destrutiva do ato de ler. A leitura não somente passa a ser um lugar de controle e verificação de resultados, mas também acaba servindo como estratégia de constrangimento de alunos tidos como indisciplinados, quando se pede a eles que continuem a oralização de determinado texto que estava sendo lido por outro somente para mostrar, ao aluno e a seus colegas, que ele não estava prestando atenção na aula (OLIVEIRA, 2010, p. 286).

É uma dinâmica ao qual os alunos podem ter resistência por vergonha de ler na frente de todos, de errar a pronúncia ou de estar sendo avaliado. Então, para que a dinâmica funcione a aula já precisa ser um espaço de liberdade, conforto e não competitivo. Durante a leitura com a voz é possível despertar um novo sentido de compreensão através do tom, da expressão e pelo fato de estar se ouvindo ou ouvindo o outro falando do mesmo que foi lida

silenciosamente de maneira mais automática. “Paradoxalmente, porém, ao mesmo tempo o leitor reconhece a si próprio em sua voz. A leitura vocalizada faz que o sujeito se flexibilize, dê voltas em torno de si, (re)inaugurando sentidos em suas leituras de mundo, das próprias palavras e de si mesmo” (OLIVEIRA, 2010, p. 287).

Em relação a *performance*, é entender a conexão do corpo com o ato de ler. A expressão corporal pode ter significativa representação durante a leitura, o corpo reage as emoções, o carnal está conectado com o sentimental.

Na leitura em movimento, o gesto não precisa ilustrar o que a palavra diz. O corpo entra no efeito de estranhamento se ele se abre para o que na leitura é um jogo. A leitura é um ato de interação, de interlocução com o próprio texto. Interessa o corpo a corpo entre aquele que lê e o que está sendo lido. Dessa forma, a leitura em *performance* não precisa “representar” o que o texto diz, mas dialogar com ele. Quando o leitor, por exemplo, lê silenciosamente o texto (se é que há mesmo esse silêncio), o corpo não fica conscientemente tentando repetir o que o texto diz, ele sofre reações, entra em estado de reverberação, de conversação ou até de embate com a palavra lida (OLIVEIRA, 2010, p. 300).

No caso da autora, em suas aulas com o ensino fundamental e o ensino médio, ela incentivou declamações de textos e leituras feitas em cenas. Não é um caminho fácil considerando a resistência da participação dos estudantes na realização de atividades e envolvimento com a turma, mas é possível e transformador. Para que isso aconteça, o docente tem que mediar um plano de apresentação que dê significado para o objetivo principal que é o aproveitamento da leitura.

4.4 A cultura popular como abertura para os clássicos

Como já exposto, cultura popular não se caracteriza por elementos mais vazios, simples e fáceis, além de fazer parte do repertório de conhecimento já inseridos na realidade dos estudantes, portanto, estudar temas discutidos em clássicos como os romances de Machado de Assis associando a músicas do hip hop ou rap regional ou nacional é uma maneira de conciliar dois movimentos culturais que podem se complementar.

Atualmente, crianças e adolescentes têm acesso a plataformas digitais e veículos de informações com muita facilidade, portanto, trabalhar com esses instrumentos com potencial para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem é usar a didática ao seu favor. Para que isso seja possível existem estudos prévios que calculam os limites e as necessidades reais que precisam ser estabelecidas em consenso da gestão educativa.

Grande parte da cultura popular teve como inspiração os clássicos literários. São exemplos os filmes, novelas e séries adaptadas, músicas que citam acontecimentos das obras literárias ou então possuem temas em comum. Trabalhar com o que os alunos estão familiarizados pode facilitar a discussão e a apresentação dos clássicos em sala de aula. Sendo uma maneira mais dinâmica de observar os contrastes entre os diferentes gêneros textuais e tipos textuais.

Se por um lado há um número crescente de relevantes pesquisas sobre possibilidades de trabalhar a literatura na sala de aula, por outro, não parece haver a proporcional atenção da crítica literária em relação à circulação mais ampla das obras, o que inclui, evidentemente, o espaço escolar (NAKAGOME, 2015, p.90).

Como citado acima, é preciso mais pesquisas em relação à circulação das obras para poder iniciar o processo de incentivo a leitura. O espaço escolar, novamente reforçado neste texto, é o local de maiores possibilidades para que seja mais acessível o encontro dos estudantes com os livros, sejam em exemplares físicos ou online. As obras devem ser disponibilizadas por inteiro e não apenas em alguns fragmentos do livro didático da instituição.

O uso de músicas, de filmes, de vídeos, de história em quadrinhos, entre outros, chama a atenção, pois é mais dinâmico, interessante e atrativo. A temática das músicas, frequentemente, são as mesmas de muitos textos literários, costumam falar de amor, traição, solidão, superação e temas que os alunos têm familiaridade quando estão em contato com as músicas que fazem parte da cultura popular deles. Assim como, a poesia não tem que ser de difícil entendimento, o rap e o hip hop são manifestações poéticas, há muito em comum na escrita e na estética. O rap, a poesia falada, carrega esperança em seus versos.

É necessário entender a importância de outras obras além das curriculares para facilitar a comunicação entre os estudantes, geralmente só abrem esse espaço de liberdade criativa, poética e comunicativa para projetos esporádicos durante o bimestre. Entretanto, há possibilidades de unir o repertório cultural dos estudantes com temas atuais para discutir competências descritas nos documentos curriculares, do mesmo modo que utilizar essa disponibilização como abertura para tratar clássicos da literatura nacional.

Em síntese, são variadas didáticas que aproximam a leitura das obras que estão no currículo e que são influentes na literatura nacional com a cultura popular que o estudante consome no cotidiano. Seja qual for a arte escolhida, se ela representa o sentido libertador do

mundo, se representa os sentimentos ou se esconde uma realidade, mas, se principalmente, conversa com os jovens, ela é rica de conteúdo.

CONCLUSÃO

A tese presente conclui que é preocupante o estado atual do ensino da literatura nas escolas do ensino básico e de como a leitura está sendo afetada pela desvalorização da influência literária. Vários cenários são contribuintes para tal enfraquecimento da literatura como arte e como disciplina escolar, o sistema educacional tradicional está focando apenas nos números de aprovados nos vestibulares e nos rankings atrativos resultando em professores acostumados com o material didático que se tornam o principal instrumento de ensino-aprendizagem focando nas notas classificatórias. Sendo assim, o modelo de ensino focado na historiografia da literatura, segmentação dos textos e não contemplação da leitura está sendo o principal inimigo para os reais princípios do que é a literatura, a obra literária e a leitura literária.

As consequências desses cenários desafiadores e desmotivadores afetam o papel da escola, da literatura e da emancipação de uma sociedade mais justa e igualitária. Foram expostas as ligações entre a literatura e a composição da sociedade em questão com a política e os poderes econômicos-sociais, afirmando os privilégios que classes mais altas financeiramente têm mais acesso à cultura e a leitura. Logo, evidencia o poder da escola de contribuir para acabar com as barreiras que prejudicam a formação de um indivíduo leitor e consciente da sua posição como sujeito social, sendo escola pública uma fonte essencial para acompanhar essas mudanças. Sobre os clássicos literários ficou claro que ainda são clássicos porque possuem um papel especial na contribuição para a leitura e literatura, e, porque são culturalmente elitizados indo contra o direito da literatura como direito universal.

Para finalizar, cada esforço é válido para manter viva a arte de ensinar. O mundo não é ideal, nunca será, mas ele pode ser melhor. A pesquisa, o bom convívio, a atualização do professor atento, a voz ativa dos estudantes, a leitura literária e os mais diferentes textos são positivos para uma sala de aula mais cuidadosa e para um ensino mais inclusivo, justo e democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. In: **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 1974. p. 120-120.

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. 1937

ANDRADE, Pedro. **O que faz de uma obra um clássico?** Revista Poiésis, n. 11, p.191-213, nov. 2008. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf> Acesso em: 20 de março de 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

ASSIS, Machado. **A igreja do Diabo**. 1884

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, João Alexandre. **O cânone na história da literatura brasileira**. Organon, Porto Alegre, v.15, n. 30-31, 2012. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29708>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. 5.^a edição. Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 - 1500-499 Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2013.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Casa Civil. **Lei No 9.394 de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional. Edições Senado Federal. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005.

BRASIL. Casa Civil. **Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Edições Câmara. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014. 86 p. (Série legislação; n. 125). 2014a. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>> Acesso em: 29 de jan. de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.947/2009 – PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar**. Brasília, 16 de junho de 2009.

BRASIL, PNEEPEI. 2008

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Companhia das Letras, 1993. 1a ed. [Persché leggere i classici, 1991] Tradução: Nilson Moulin.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1964.

CANDIDO, A. **Direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CIENTÍFICO, C., & DO NÚCLEO CIÊNCIA, P. I. **O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem**. *Estudo I.*, 2014. Disponível em: <<https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2018/07/O-IMPACTO-DO-DESENVOLVIMENTO-NA-PRIMEIRA-INFANCIA-SOBRE-A-APRENDIZAGEM.pdf>> Acesso em: 24 de abril de 2023.

CHIARETTO, Marcelo. **Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão**. 10.17771/PUCRio.PDPe.23457. IV SILID III SIMAR 2013.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **O acervo bibliográfico na escola: contribuições para uma escolha qualificada do acervo bibliográfico que circula no âmbito escolar e que compõe a coleção de materiais presentes nas bibliotecas da rede pública de ensino no Distrito Federal** / Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. - Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2021. P.1-23.

DUTRA, Francisco. **Leitura perdida: no DF, só 26% das escolas públicas têm bibliotecas**. **Metrópoles**, 03/12/2022, Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/leitura-perdida-no-df-so-26-das-escolas-publicas-tem-bibliotecas#:~:text=O%20percentual%20de%20bibliotecas%20%C3%A0,Brasil%20%C3%A9%20de%20apenas%2023%25>>. Acesso em: 27 de fev. de 2023.

EAGLETON, Terry, 1943. **Como ler literatura**. Terry Eagleton; tradução: Denise Bottmann. – 1.ed.- Porto Alegre, RS: L&PM,2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. Martins Fontes: São Paulo, 2003. P.1-22.

FREIRE, Paulo, 1921. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

IPIRANGA, Sarah. **O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola**. Ver. De Letras - no 106. 38 - Vol. (1) - jan./jun. - 2019

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** 1964.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MELLO, Marisa S. **Como se faz um clássico da literatura brasileira? Análise da consagração literária de Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (1930-2012)** / Marisa S. Mello. – 2012.

NAKAGOME, Patrícia Trindade. **Literatura e/ou educação**. Via Atlântica, São Paulo, N. 28, 89-103, DEZ/2015.

OLIVEIRA, Eliana kefalás. **Leitura, voz e performance no ensino de literatura**. Signótica, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul./dez. 2010

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. Editora Schwarcz Ltda. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JARAGUÁ DO SUL. Analfabetismo funcional atinge 29% da população brasileira. **G1.Globo**, Jaraguá do Sul, 12/11/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-jaragua-do-sul/viver-jaragua/noticia/2021/11/12/analfabetismo-funcional-atinge-29percent-da-populacao-brasileira.ghtml>> Acesso em: 16 de março de 2023.

SILVA, I. M. M.. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527. Pernambuco, 2005.

SCHLESENER, A. H. **Hegemonia e cultura: a dimensão política da educação e a formação escolar em antonio gramsci**. *Revista Novos Rumos*, [S. l.], v. 50, n. 2, 2013. DOI: 10.36311/0102-5864.2013.v50n2.3466. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/3466>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TODOROV, Tzvetan, 1939. **A literatura em perigo**. Tzvetan Todorov. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96p.

WEFFORT, Alexandre Branco (org.). **A Canção Popular Portuguesa em Fernando Lopes-Graça**. Alfragide: Caminho, 2007.

ANEXO A – Print do tweet do influencer Felipe Neto